

MESTRADO Memória Social e Documento

Memória e Construções de Identidades

ORGANIZAÇÃO

MARIA TERESA TORIBIO BRITTES LEMOS ,
NILSON ALVES DE MORAES

Copyright©2000 Maria Teresa Torfíbio Brittes Lemos/
Nilson Alves de Moraes

Capa
Marcus Moraes

Revisão
Sandra Pássaro

APOIO



LEMONS, Maria Teresa Torfíbio Brittes e MORAES, Nilson
Alves de (organizadores)

Memória, Identidade e Representação / Maria Teresa Torfíbio
Brittes Lemos e Nilson Alves de Moraes (org.) – Rio de Janeiro:
7Letras, 2000.

ISBN 85-7388-240-9

1. Memória social. 2. Ciências sociais – ensaios.
I. Título.

CDD 300

2001
Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Jardim Botânico 674 sl.417
Rio de Janeiro – 22461-000 – editora@7letras.com.br
Tel./Fax: (21) 540-0130/540-0037

I

A experiência etnográfica, incluindo as pesquisas de campo e os tradicionais “diários de campo” onde os antropólogos registram suas primeiras sensações a partir dos encontros com os “nativos” e com o mundo do diferente e do “exótico”, tem sido analisada enquanto lugar privilegiado de construção da alteridade. Entretanto, uma outra dimensão se impõe ao revisitarmos alguns dos relatos etnográficos considerados clássicos para a tradição antropológica: a dimensão do “eu” ou da subjetividade. Chama a atenção especialmente as conexões estreitas destes relatos com o gênero do “diário” – espaço por excelência da memória social e de construção da subjetividade enquanto singularidade, muito próximo do gênero da “autobiografia”. Desse ponto de vista, falar do outro é encontrar um lugar para falar de si próprio e de construir a si mesmo enquanto pessoa. O livro *A Cidade das Mulheres* de Ruth Landes, editado em 1947, incita uma análise por este viés. A trajetória da antropóloga americana, estimulada por Ruth Benedict e Franz Boas,² em sua cruzada da Universidade de Columbia para o Rio de Janeiro e a Bahia pouco antes da Segunda Guerra Mundial, é relatada na primeira pessoa. Suas impressões, sensações, emoções e sentimentos são expostos numa narrativa onde é privilegiada a idéia do encontro com o outro. É deste encontro que Ruth Landes retira o material para produzir sua obra. O falar de si mesma, o construir a si mesma nesta narrativa torna-se indissociável da produção do texto, contrastando com uma tradição hegemônica nas Ciências Sociais onde a primeira pessoa é banida dos relatos científicos e, como assinalou Walter Benjamin, a experiência é substituída pela informação e a narrativa pela história. “*A Cidade das Mulheres*”, livro escrito na contramão das tendências científicas vigentes no final da década de 1940, significou a revitalização do estilo narrativo, contribuindo também para a construção de um certo estilo de fazer e de ser na Antropologia, estilo marcado pela valorização da experiência (a pesquisa de campo), pela sensibilidade com questões de gênero (Ruth Landes foi precursora na proposta de relacionar as especificidades do ser mulher com o fazer Antropologia) e, sobretudo, pela afirmação da singularidade do sujeito no processo de construção do conhecimento.

Sua pesquisa de campo no Brasil só foi publicada nos Estados Unidos oito anos mais tarde de sua partida, em 1947 e, no Brasil, apenas em 1967, pela Edi-

* Professora Adjunta de Antropologia e Cultura Brasileira / Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO.

tora Civilização Brasileira, integrando o número 61 da Coleção “Retratos do Brasil”. Por ocasião de seu lançamento nos Estados Unidos, o texto de Ruth Landes não foi bem recebido por seus pares. Visto como um mero relato de viagens, o livro *A Cidade das Mulheres* foi rejeitado como não-científico pela comunidade antropológica da época, tendo a frente Melville Herskovits, pesquisador exponencial da Antropologia americana do período. Como observou Sally Cole, quando o livro apareceu, em 1947, a comunidade antropológica americana trabalhava no sentido de expandir sua base institucional nas universidades, profissionalizar seus praticantes e cultivar sua respeitabilidade como a “ciência da cultura”. Entre os anos 1930 e 60, a noção de “cultura” substituíra a de “raça” enquanto o paradigma central da disciplina. No interior deste quadro, os antropólogos procuravam catalogar os traços culturais e representar as culturas em “monografias científicas”. Neste contexto profissional, o texto de Ruth Landes era visto como problemático: primeiro, por seu grande interesse teórico em questões de raça, gênero e sexualidade, que fugiam ao debate principal do momento; segundo, porque ela inseria sua própria experiência e falava de suas relações interpessoais no texto. Ruth Landes se recusou a produzir um retrato etnográfico do candomblé e da cultura afro-brasileira como homogênea, integrada e estática, seguindo o padrão da antropologia que faziam seus pares. Na verdade, ela descreveu os conflitos internos, diálogos e contestações do significado num contexto de mudança e fluidez e situou a cultura afro-brasileira historicamente – discorrendo sobre a história da escravidão no período colonial ao século XIX e a história da urbanização e da proletarianização no Brasil.³

Hoje, o texto de Ruth Landes está sendo revisto pela comunidade antropológica. No entender da antropóloga canadense Sally Cole, da Universidade de Concordia em Montreal, as mesmas características que lançaram o livro nas margens da Antropologia dos anos 1940, constituem as verdadeiras razões que fazem com que o livro seja excepcionalmente atual nos dias de hoje. Cole refere-se a um estilo de antropologia reflexiva, dialógica e experimental que Ruth Landes antecipou, onde a alteridade é pensada enquanto construção e onde a subjetividade desempenha papel central. Em *A Cidade das Mulheres*, a própria Ruth Landes é personagem integrante da narrativa. Ela descreve sua experiência, seus encontros com diferentes personagens. A construção do Brasil enquanto lugar de alteridade é permeado de relatos na primeira pessoa, onde o que está em jogo é muito mais a narrativa de um lugar de encontro do que um retrato que se pretenda “objetivo” de uma “realidade social”. Landes não quis fazer como a maior parte dos intelectuais que tomavam o Brasil enquanto objeto de estudo – conduzir entrevistas formais em suas salas nas universidades ou basear-se em entrevistas de segunda mão. Sua proposta, e que ela levou radicalmente, consistiu em viver uma experiência profunda com o trabalho de campo, uma experiência que alterasse sua própria vida. Para ela, o trabalho de campo não podia estar dissociado da vida,

nem a personalidade do pesquisador das suas experiências. Trabalhar numa cultura diferente da do pesquisador consistia para ela em transformar este trabalho numa experiência intensa, filtrada por observações treinadas. Ruth Landes viveu a experiência etnográfica no Brasil numa imersão profunda.

Hoje, passados mais de cinquenta anos da publicação de *A Cidade das Mulheres*, é impressionante perceber o quanto o texto se aproxima de um estudo de memória social, principalmente de memória coletiva, conforme a categorização de M. Halbwachs. Experimentando a pesquisa de campo, Ruth Landes foi capaz de observar diferentes construções do que ela denominava culturas ou tradições negras no Brasil, especialmente na Bahia. E ela intuiu que, mais do que buscar uma verdade acerca destas manifestações, era preciso compreendê-las enquanto representações, observando os diferentes enfoques ou lugares de onde as falas eram construídas.

II

O tema da construção da pessoa ou do individualismo moderno já se tornou clássico em Antropologia Social. Como assinalou Vianna, “a modernidade é caracterizada, muitas vezes, como o tempo do individualismo triunfante. A partir do Renascimento, e principalmente depois da Revolução Industrial, vemos o indivíduo se transformar na peça fundamental do “nosso” sistema de valores, dominando tanto “nossa” visão do mundo quanto “nosso” modo de vida. A “civilização ocidental” entraria assim numa inédita fase histórica, desembaraçando-se da (ou reprimindo a) ideologia holista que organizava a vida social em épocas anteriores.”⁴ Mas, se os antropólogos vêm se debruçando cada vez mais em compreender a emergência do individualismo moderno na cultura ocidental, pouca atenção tem sido dada sobre o tema do individualismo e da formação de diferentes tipos de cultura subjetiva no contexto da própria Antropologia. Em outras palavras, se estamos diante de um fenômeno tão avassalador, os antropólogos certamente não estão imunes a todo este processo. Eles também, enquanto sujeitos de carne e osso vivendo em contextos singulares, participam ativamente deste processo crescente de individualização da cultura ocidental moderna.

O estudo da trajetória de Ruth Landes e especialmente do clássico *Cidade das Mulheres*, resultado de uma pesquisa de campo no Brasil, aponta este sentido. Ruth Landes decidiu fazer uma “pesquisa antropológica de campo na Bahia e no Rio de Janeiro, em 1938 e 1939, generosamente apoiada pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Columbia e dirigida pelo Departamento de Antropologia da Universidade”. O objetivo era estudar as relações raciais ou nas próprias palavras da pesquisadora, “realizar uma pesquisa antropológica sobre a vida dos negros naquele país”. Com uma perspectiva comparativa, a antropóloga nova-iorquina pretendia dedicar-se a perceber as diferenças entre a

situação inter-racial brasileira e a americana: “Ouvíramos contar que a sua grande população negra vivia fácil e livremente em meio à população geral e queríamos saber de que forma a situação inter-racial diferia da nossa, nos Estados Unidos. Tratava-se de um projeto que excitava a imaginação de poucas pessoas.”⁵ A pesquisa acabou tomando rumo completamente diverso do pretendido originalmente. Após uma breve estada no Rio de Janeiro, a antropóloga embarcou para a Bahia onde permaneceu por alguns meses. Com o prestimoso auxílio de Edison Carneiro, escritor e pesquisador da cultura negra, Ruth Landes foi aos poucos penetrando o universo da cultura negra na Bahia. Entretanto, o Brasil vivia sob a ditadura de Getúlio Vargas e a Polícia Federal exercia forte cerco ao chamado “perigo comunista”. A antropóloga americana foi seguida de perto por policiais até que, em 1939, foi obrigada a deixar o país. Ao final de sua pesquisa no Brasil, Ruth Landes percebeu que em vez de “problemas raciais”, ela acabou se fixando em outros temas, principalmente as religiões negras na Bahia, com especial ênfase no candomblé. O livro tornou-se referência para estudos na área da cultura afro-brasileira. Segundo as próprias palavras da autora: “Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali — porque não havia nenhum. Descreve, simplesmente, a vida de brasileiros de raça negra, gente graciosa e equilibrada, cujo encanto é proverbial na sua própria terra e imorredouro na minha memória.”⁶

A narrativa de *A Cidade das Mulheres* é toda na primeira pessoa em estilo ensaístico. Ruth Landes coloca-se como personagem da trama, descrevendo todos os seus passos com absoluta fidelidade ao gênero “diário de campo”. Neste sentido, é possível perceber em detalhes as dificuldades de uma antropóloga diante de uma cultura que lhe era completamente estranha: “sabíamos muito pouco acerca do Brasil, por essa época; entre os meus colegas havia o sentimento geral de que eu estava sendo mandada ao extremo do tabuleiro do mundo, de onde somente a sorte me pouparia de cair.”

Ruth Landes descreve o imaginário sobre o Brasil entre os seus colegas americanos na época, uma terra de bárbaros, ameaçadora por suas doenças tropicais: “(...) inocularam-me cinco ou seis soros, iguais aos ministrados alguns anos mais tarde, às tropas combatentes no Pacífico.” Ou ainda: “Grande parte dos nossos conhecimentos sobre o Brasil, naquele tempo, estava longe de ser tranquilizadora. A região amazônica era um “inferno verde”, de acordo com um romancista inglês; a enorme selva entre o planalto oriental e os Andes, chamada Mato Grosso, era uma terra onde índios bravios erravam, matando os brancos. Apenas o general Rondon penetrara esses domínios selvagens, a fim de dirigir a construção das linhas telegráficas. O litoral era a zona mais segura, com uma população densa vivendo em grandes cidades. O presidente Vargas se fizera ditador, liquidando, da noite para o dia, todas as instituições democráticas: eleições populares, Congressos federal e locais, imprensa livre, sindicatos livres, reuniões públicas livres. Algumas revistas e jornais norte-americanos noticiavam como a oposição era persegui-

da, os seus membros denunciados com “comunistas”, forçados a se esconder ou exilar, às vezes presos, às vezes torturados. (...) quando eu, como pesquisadora da Universidade de Columbia, tentei obter informações sobre o Brasil nas magníficas bibliotecas da cidade de Nova Iorque, na verdade quase nada encontrei. As fontes eram incrivelmente restritas.”

A viagem de navio de Nova Iorque para o Rio de Janeiro é descrita como um rito de passagem onde a pesquisadora rompe com sua terra de origem para adentrar o universo da cultura pesquisada: “A viagem marítima para o Rio foi longa – doze dias calmos e luminosos de abril sobre o Atlântico. Latino-americanos de diferentes nacionalidades voltavam aos seus lares.”

A chegada desencadeia uma série de questões existenciais, de atordoamento do self: “Eu estava dolorosamente atordoada naqueles dias. A maneira pela qual a vida estava arrumada em Nova Iorque, em Nashville e no Rio de Janeiro variava como diferentes mundos em diferentes planetas. No Rio eu estava na orla do mundo que conhecera. O clima, o povo, os sons e os olores eram estranhos, discrepantes, hostis. Mas a principal dificuldade era o meu desconhecimento da língua. (...) É indizível esta impotência de não ter uma linguagem, uma fala humana. Não se pode transmitir nem receber coisa alguma, o pensamento fica paralisado e todas as nossas intuições falham.”

Ruth Landes descreve seu processo de alfabetização e de aculturação na nova língua, primeiro passo para conhecer o universo da cultura pesquisada: “Passei, pois, três meses no Rio, adquirindo como podia, a intrincada e idiomática linguagem e aprendendo também a linguagem que não é de língua, mas que se exprime pelos dedos e pelas mãos, até mesmo por movimentos ondulantes dos braços e dos ombros, pelo brilho do olhar e por muitos movimentos sutis que se desenham levemente sobre um rosto e dão cor às tonalidades da voz. Tudo isso forma o cidadão do Rio, a personalidade especial do carioca, e foi a ponte através da qual penetrei na vida ainda mais estranha e mais remota da cidade nordestina da Bahia, onde planejava concentrar meus estudos.”

Do Rio de Janeiro, Ruth Landes embarca para a Bahia onde pretende concentrar sua pesquisa de campo: “A Bahia foi, desde o começo, o meu objetivo. Grande porto do mar, capital do rico Estado da Bahia e, outrora, capital do país, sempre desempenhou um papel decisivo nos negócios internos e externos do Brasil. Por causa da antiga escravidão e da sua rica economia agrícola, possui uma densa população negróide. Também a possuem outros estados do Nordeste, mas a Bahia é conhecida pela qualidade excepcional da vida folclórica de seus negros. O que os negros fazem na Bahia é “típico” do Brasil.(...) “Os cientistas sociais do Brasil se dedicam a esses cidadãos negros tão completamente como os seus colegas mexicanos o fazem com os índios, com o mesmo caráter de apreciação lisonjeira e de expiação do passado.” Em sua partida para a Bahia, a antropóloga confessava-se “conscientemente pouco à vontade (...) porque já aprendera o suficiente para

compreender que não tinha ponto de referência, nem teoria ou crença para sustentar ou demolir.” Comparando o Brasil com os Estados Unidos, Ruth Landes sabia que nos Estados Unidos “um homem poderia ser torturado e morto pela sua cor física”, enquanto no Brasil, “isso só poderia acontecer pela sua cor política”. “Em Nashville, um negro poderia chegar ao *college*, mas sua alma estaria sempre doente. Na Bahia, um negro podia andar de cabeça erguida, dizia-se, mas no Rio achava-se graça (ou fingia fazê-lo) dos seus modos africanos”. Se, aparentemente, havia uma “democracia racial” no país, em seus primeiros contatos Ruth Landes constata temores e preconceitos com relação aos “grupos de cultos herdados da história africana”. No Rio de Janeiro, “espalhavam-se estórias de arrepiar os cabelos de feitiçaria praticada por esses grupos, levando à loucura, à violência e à morte. A Bahia era a meca de tudo isto; e assim a cidade era às vezes chamada de “A Mulata Velha”. Ruth Landes descreve o clima de reprovação relativo à sua ida à Bahia. Sua professora de português no Rio de Janeiro ainda tentou dissuadi-la da partida citando uma canção da época: “A Bahia é boa terra, ela lá e eu aqui.”

Ruth Landes tem consciência de sua situação de estrangeira: “eu era uma estrangeira, na verdade indesejada, mas tolerada por me ter identificado como cientista, que não buscava emprego pago, antes gastaria dinheiro.” Após obter liberação do Ministério da Agricultura e aprovação militar, a antropóloga consegue partir embarcando num navio alemão por ser mais econômico. “Ao subir o portolão do limpo e belo navio, passei pelos seus oficiais elegantemente vestidos que saudavam os amigos com um rápido Heil Hitler! O Exército do Reich acabava de anexar a Áustria, e dezenas de grandes famílias alemãs tinham vindo do Estado agrícola de Santa Catarina no sul, e comprado passagem para a Grande Alemanha. Enxameavam por toda a parte e falavam com franqueza da necessidade econômica de expulsar os judeus – talvez os judeus pudessem tomar o seu lugar no Brasil; cantavam, dançavam, saboreavam a excelente comida e a música durante as refeições e sentiam-se incrivelmente felizes por deixar o Brasil, que lhes dera um lar e sustento por muitos anos. Para eles, o Brasil era uma terra híbrida, brutal – e Hitler os salvara dela.”

A partida para a Bahia completa o ciclo de distanciamento da terra de origem, os Estados Unidos, em especial Nova Iorque, introduzindo Ruth Landes num mundo desconhecido: “Preciso dizer que me sentia insegura e confusa? A minha pesquisa antropológica encontrava-se agora privada da segurança, da santidade da torre-de-marfim. Eu deixara a minha terra democrática, de língua inglesa, com as suas leis fidedignas que permitiam a uma cientista branca estudar, com toda dignidade, a prolongada, mas incruenta batalha das raças; eu a deixara para o país de um ditador, cuja língua difícil e cujos costumes desagradáveis – pois as mulheres eram tão cerceadas nos seus movimentos quanto a oposição política – me faziam sentir desorientada e desesperada, como se estivesse na selva; e, além disso, de repente via-me frente à frente com pessoas que davam voz a

crenças nazistas e embarcavam para lutar por elas. O meu treinamento em ciência pura não me preparara para tais acontecimentos e eu imaginava, um tanto alar-mada, o que aqueles nórdicos diriam ou fariam se soubessem que a obra científica do meu mestre Franz Boas fora lançada às chamas nas primeiras fogueiras de Heidelberg.”

Enfim, a chegada a Salvador completa o ciclo de iniciação à pesquisa de campo de Ruth Landes sobre os negros na Bahia: “Era de manhã bem cedo, num domingo quente, de céu claro, e a cidade de dois andares da Bahia – a cidade do Salvador – estendia-se branca e ofuscante acima das águas. Estivadores negros se aglomeravam nas docas, esperando o navio atracar. Senti-me completamente sus-pensa no espaço, no tempo, nos pensamentos. Quão longe, quão longe estava isto dos livros, da biblioteca e mesmo das salas de aula de Fisk!”

Ruth Landes teve a sorte de encontrar em seu caminho o etnólogo Édison Carneiro: “Cartas de apresentação de eruditos da Universidade de Fisk e do Rio de Janeiro levaram-me em particular a um jovem etnólogo baiano, chamado Édison Carneiro. O dr. Édison tinha apenas 27 anos, mas o número e a originalidade dos seus estudos sobre o negro brasileiro e os candomblés e a solidez da sua reputação faziam-me esperar um homem muito mais idoso.” A partir deste encontro, a pesquisa da antropóloga americana toma rumo. Édison a conduz aos terreiros, aos rituais, às festas populares, tornando possível que Ruth realizasse efetivamente uma “pesquisa de campo” em moldes boasianos. Até então, os grandes estudiosos do negro no Brasil como Nina Rodrigues, Artur Ramos, entre outros, colhiam material “chamando os negros aos seus escritórios para entrevistas”. Segundo as próprias palavras de Édison Carneiro, “eram muito orgulhosos ou muito pregui-çosos para visitar os templos nos arrabaldes”.

Durante os meses seguintes, relata Ruth Landes: “Visitei pessoas dia e noite, comendo com elas nas suas casas, conversando tardes inteiras sobre coisas do seu interesse, passando dias e semanas em cerimônias e festas aborrecidas. Demos presentes; percorremos distâncias sem fim, de táxi, nos arrabaldes abandonados, e de barco para as ilhas próximas na baía; gastamos longas horas e perdemos muito sono e afinal quase ficamos doentes de cansaço e de calor. Precisávamos estar constantemente disponíveis, com paciência e cordialidade infinitas, sempre aler-ta, sempre prontos a tomar notas e tirar instantâneos de maneira discreta. Tive de ser paciente com os baianos, mas Edison teve, além disso, de ser paciente comigo. Não somente o meu modo de pensar e a minha conduta lhe eram estranhos, mas também, como escritor, sofria diariamente a tortura de ver mutilada a sua amada língua. (...) Mas os brasileiros são incomparavelmente bondosos com os estran-geiros que lutam por aprender ‘o idioma de Camões’ (...).”

Ruth Landes passou praticamente todo o ano de 1939 em Salvador. O livro *Cidade das Mulheres*, seu mais importante ensaio sobre esta pesquisa de campo levou oito anos para ser publicado, vindo a público em inglês em 1947. Somente

vinde anos depois, em 1967, a editora Civilização Brasileira tomava a iniciativa de publicá-lo em português. Nele, além de Ruth Landes escrever todo o tempo na primeira pessoa relatando passo a passo sua experiência de campo, são apresentadas algumas conclusões sobre o candomblé na Bahia. Ruth preocupou-se sobretudo em descrever o lugar das mulheres no culto do candomblé. Para ela, o candomblé constituía “o fato principal no mundo de um negro na Bahia”. “Todo mundo visita a casa de culto pelo menos uma vez por mês, alguns várias vezes por semana. Vão saber da saúde das sacerdotisas e levar-lhes os boatos do mundo exterior. Alguns vão somente para matar o tempo, mas, numa ou noutra ocasião todos são obrigados a consultar a grã-sacerdotisa, chamada ialorixá em nagô, ou seja, mãe de santo. A mãe, cercada pelas demais sacerdotisas, vive na casa de culto, para estar em companhia dos deuses que zela e para servir aos clientes que necessitam da sua intercessão junto aos deuses. Fala-se muito bem destas mulheres de culto, famosas em todo o Brasil pela sua bondade. A voz segura e o andar pausado da mãe predispõem os seus subordinados à obediência, ao menos na sua casa e diante dos seus olhos. Sob a sua direção, reinam a paz e a segurança.”⁷

Embora efetivamente Ruth Landes tivesse apenas se preocupado com sua pesquisa de campo e em nenhum momento tivesse tomado partido em questões políticas, durante sua estada na Bahia a antropóloga foi seguida por espões, acusada de comunista e forçada a abandonar o país em 1939. O contato estreito com Édison Carneiro, crítico do regime de Vargas (“Édison já estivera homiziado e preso por causa da sua oposição a Getúlio Vargas e devia ser preso novamente durante a minha permanência”), aliado ao fato de desafiar certas tradições do comportamento feminino no Brasil, levantaram, segundo a própria antropóloga, suspeitas em torno de Ruth. Na Bahia, ela ocupara um quarto no melhor hotel da cidade e só mais tarde ficou sabendo que “eram mulheres de certo estof, embora de classe alta, que viviam sozinhas em hotéis, vindas em bando do Rio por causa dos muitos oficiais das tropas federais então no Nordeste”. Segundo ela mesma observou “como eu vinha da Universidade de Columbia e estava em contato com membros de Congregações de escolas superiores da Bahia – muitos dos quais tinham sido exilados ou detidos em diferentes ocasiões por oposição política a Vargas – e dedicava minha atenção à gente negra nos arrabaldes abandonados, eu devia ser uma espia de Moscou. A polícia secreta observava-me durante meses, três vezes por dia, mas não tomei conhecimento disso por muito tempo e, quando o soube, já completara os meus estudos. O cônsul americano parecia concordar com a polícia da Bahia, e assim me vi obrigada a recorrer ao cônsul britânico e isso também contribuiu para confundir a minha antiga admiração pelos direitos do cidadão sob a bandeira dos Estados Unidos”. Ao retornar aos Estados Unidos, Ruth Landes se deu conta de que sua “bem-intencionada pesquisa de relações raciais não podia furtar-se ao fragor dos tempos”.

O relato de *A Cidade das Mulheres* é retrospectivo. Nele, Ruth Landes (re)constrói sua passagem pelo Brasil, um capítulo importante de sua trajetória como antropóloga. O relato é permeado de inúmeras considerações sobre as diferenças entre a antropóloga – sujeito da pesquisa – e os outros brasileiros. Estes não formam um único bloco. Há as autoridades, os eruditos e os negros, principalmente as negras – objeto propriamente dito da pesquisa. Expressando suas diferenças e identidades com os “outros”, a autora enuncia sua própria personagem.

Entre as autoridades brasileiras, Ruth percebe a total ausência de preocupação sobre o tema das raças ou o preconceito racial e a absorção de teorias de eugenia, como a do branqueamento. A primeira autoridade descrita por Ruth Landes é o cônsul brasileiro em Nova Iorque que se surpreende quando ela requer o visto de entrada no Brasil para estudar os negros: “– Negros! – exclamou. – Por que você deve estudá-los? Não são diferentes dos outros cidadãos do meu país! E pediu para ver minha ficha policial.” Deste encontro, Ruth Landes depreende uma primeira diferença entre a questão das raças no Brasil e nos Estados Unidos, percebendo que ela mesma não está imune à sua educação americana. Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, “os negros eram considerados, mesmo pelos liberais e pelos homens de ciência, como uma espécie de tribo – não a mesma dos homens brancos, não a mesma dos homens modernos. Relembro como isto estava cristalizado em mim, dez ou doze anos antes, quando me ofereceram a oportunidade de realizar uma pesquisa antropológica numa *reservation* de índios americanos ou entre negros”. Este encontro com o cônsul brasileiro provoca o pensamento de Ruth Landes. É a partir da alteridade, da diferença que ela pode perceber o seu próprio lugar não apenas de antropóloga, mas de cidadã americana. Ao mesmo tempo, é com esta mesma chave da alteridade que ela questiona este lugar construindo uma nova alternativa para si mesma: “Retrospectivamente, parece surpreendente que eu tenha sido enviada a outro país para estudar a operação da sua política racial, com base na simples suposição de que a coexistência pacífica de dois tipos físicos de homem requer dispositivos reguladores especiais.”

A segunda autoridade governamental brasileira descrita no texto é o ministro Osvaldo Aranha, importante figura do Governo Vargas, “de reputação internacional, merecidamente respeitado por sua lealdade às nações democráticas e aos seus princípios. Era um homem alto e simpático, louro, natural do próspero e europeizado estado do Rio Grande do Sul, perto da Argentina”. Ao tomar conhecimento do interesse da antropóloga em estudar os negros, o ministro Osvaldo Aranha atribui a eles a causa do atraso político do Brasil, justificando com isso a necessidade de implantação da ditadura de Vargas: “E, já que vai estudar os negros, devo dizer-lhe que o nosso atraso político, que tornou esta ditadura necessária, se explica perfeitamente pelo sangue negro. Infelizmente. Por isso, estamos

tentando expurgar esse sangue, construindo uma nação para todos, limpando a raça brasileira.” O encontro com Osvaldo Aranha deixa Ruth Landes “confusa e atordoada”. Ela tinha desejado vir ao Brasil exatamente por “ouvir contar que a sua grande população negra vivia fácil e livremente em meio à população geral e desejava conhecer pormenores”. Então, para sua surpresa, encontrava numa das maiores autoridades brasileiras da época a afirmação de que o negro era responsável pelo atraso político do Brasil e de que ao invés dos indivíduos de raça negra estarem convivendo com os de raça branca pacificamente, estariam pelo contrário desaparecendo no âmbito de uma política de branqueamento do país! Este encontro provoca a demolição de antigas suposições sobre o país. Ruth Landes perde suas referências iniciais: “(...) estava conscientemente pouco à vontade. E o estava porque já aprendera o suficiente para compreender que não tinha ponto de referência, nem teoria ou crença a sustentar ou demolir.”

Ruth Landes se dá conta, pouco a pouco, de que as autoridades governamentais brasileiras estavam imbuídas das ideologias fascistas que nada mais eram que “versões mais novas de amplas motivações que se haviam cristalizado no nosso país como intolerância racial”. Este pensamento se confirma quando Ruth Landes narra seu desembarque em Salvador de um navio alemão que ia do Rio de Janeiro para a Alemanha: “O comissário-de-bordo examinou cuidadosamente os meus papéis. Eu olhava, desolada, os retratos oficiais de Hitler nas paredes. Aquela face me infundiu horror àquela cilada flutuante e uma frenética ansiedade pela hora de escapar para a Bahia. Hitler já invadira dois países europeus, mas eu não imaginava que viesse encontrar as suas forças e os seus símbolos no Hemisfério Ocidental. Quando terminou, o comissário apertou-me a mão e disse com simpatia: – Por Deus! Entristece-me ver a senhora na Bahia com todos aqueles negros! Quando acabar o seu trabalho, vá à Alemanha. Precisamos de gente boa como a senhora.”

Diante deste quadro, a antropóloga valoriza sua própria tradição e tece críticas aos costumes e tradições encontrados no Brasil: “Eu deixara a minha terra democrática, de língua inglesa, com as suas leis fidedignas que permitiam a uma cientista branca estudar, com toda a dignidade, a prolongada, mas incruenta, batalha das raças; eu a deixara para o país de um ditador, cuja língua difícil e cujos costumes desagradáveis – pois as mulheres eram tão cerceadas nos seus movimentos quanto a oposição política – me faziam sentir desorientada e desesperada, como se estivesse na selva; e, além disso, de repente – via-me à frente com pessoas que davam voz a crenças nazistas e embarcavam para lutar por elas.”

Por outro lado, o contato com uma autoridade de seu próprio país, o cônsul americano em Salvador, a faz duvidar dos ideais democráticos americanos: “O cônsul americano parecia concordar com a polícia da Bahia (nas suposições de que a antropóloga fosse uma espiã de Moscou), e assim me vi obrigada a recorrer ao cônsul britânico e isso também contribuiu para confundir minha antiga admi-

ração pelos direitos do cidadão sob a bandeira dos Estados Unidos. Em especial quando, ao escutar um negro falar inglês no cais, lhe perguntei com prazer: – Oh, você é de Chicago? – Que lhe importa? – retrucou. – Estou no Brasil agora, e sou livre!”

Entre os eruditos ou intelectuais, destacam-se alguns médicos que Ruth Landes qualifica de “aristocratas”, “pessoas de classe alta em geral bem educadas e exercendo profissões liberais” que “gostam imensamente dos negros e adoram exibí-los”. Ruth Landes percebe de que maneira esses indivíduos terminam por segregar os negros num “pitoresco grupo” ou num grupo folclórico. Ruth percebe com esses eruditos ou aristocratas como o termo “negro” é relacionado à posição social do indivíduo: “O tipo que vi nas ruas – a gente trabalhadora mal remunerada, que se distingue pelas roupas, pelas músicas e por outras características incomuns.” Quando um indivíduo ascende socialmente, ele deixa de ser visto como “negro”: “Um termo preferido e preto. Mas nem preto, nem negro, nem africano, são usados com referência a pessoas desse tipo físico que ocupem posições na classe superior.” Ruth Landes relata um passeio com um desses médicos, “o dr. Hosannah de Oliveira, conhecido pediatra para quem trouxera uma carta de apresentação de amigos do Rio”. Ruth Landes relata como se sentiu pouco à vontade com esse estilo de relação, onde os “negros” eram inquiridos pelo Dr. Hosannah como se fossem espécies botânicas ou animais em exposição: “(...) afastando-se um pouco, como se procurasse ver um objeto em perspectiva, observou: – veja o tipo físico dela. Não é propriamente puro-sangue da Costa do Ouro, porque não é muito preta; tem um bronzado claro, cor de ouro. Talvez tenha sangue árabe ou português. Tem as maçãs do rosto largas e salientes e lábios bastante finos. O nariz é dividido, mas muito chato. – A mulher estava escutando. – Seu doutor, eu não sou de qualidade – falou, humilde (...)” Mais uma vez, ao relatar um encontro, Ruth Landes o faz para sublinhar sua diferença para com um estilo de postura: “Não me agradava aquela excursão. Talvez estivesse errada, mas sentia que aqueles negros baianos deviam ser abordados de maneira mais pessoal, de um modo que lhes testemunhasse mais claramente o meu respeito. Na verdade, eu queria vê-los vivendo a sua própria vida, e não apenas escutar as suas respostas às minhas perguntas. E, sem dúvida, eu não poderia fazer perguntas enquanto não conhecesse a vida deles.”

A posição de Ruth Landes em não aceitar a tutela dos eruditos ou intelectuais locais na realização de suas pesquisas acaba tendo algumas repercussões negativas com relação ao seu trabalho. Um desses eruditos, Artur Ramos, considerado na época um dos maiores expoentes sobre o estudo dos negros publica um artigo alguns anos após a partida da antropóloga onde desqualifica seu trabalho. Sobre este artigo, Edison Carneiro escreveu: “num dos seus livros menos conhecidos (*A aculturação negra no Brasil*, 1942), Artur Ramos divulga um artigo, ao que eu saiba até então inédito, contra as investigações realizadas na Bahia, em 1938-

39, em torno das religiões do negro, pela dra. Ruth Landes. O artigo destoa em geral dos trabalhos de Artur Ramos. Ele condena, sem as conhecer, as pesquisas da antropóloga americana, declarando que ela “generalizou fatos de observação isolada” e descobrindo no seu trabalho “rancor contra os baianos e negros”. (...) Segundo Artur Ramos, o método de estudo de Ruth Landes “era tão pouco científico que não me será possível dizer aqui em que consistia”. Tratando-se de mulher, e de mulher bonita e insinuante, a frase adquire um tom deliberadamente reticencioso e descortês. (...) Posso garantir que, ao regressar aos Estados Unidos, Ruth Landes conhecia, tão bem quanto nós, brasileiros, pesquisadores do assunto, as religiões de origem africana da Bahia. (...) Artur Ramos, que se considerava e era considerado o dono do assunto, não podia estar contente. Ela não se valera de todas as cartas de apresentação que lhe havia dado e, durante sua permanência na Bahia, não se lembrara de pedir ajuda ou orientação; e, de volta ao Rio de Janeiro, às vésperas do seu regresso aos Estados Unidos, não se animou a procurá-lo. Lá está no artigo: “Viajando a dra. Landes para a Bahia, perdi-a completamente de vista. Soube, por terceiros, que ela não apresentou as cartas que lhe dei para as autoridades administrativas da Bahia... Não a vi mais, não tive mais contato com seus planos.” Lembro que, ao transmitir, mais tarde, lembranças de Ruth Landes, a reação de Ruth Landes foi significativa: “Agora?!”⁸

Em seu livro, Ruth Landes relata esses “desencontros” com a intelectualidade local sempre para reforçar seu sentido de independência diante de seu trabalho, ao mesmo tempo em que marca sua diferença com o pensamento desses eruditos. Sua atitude é da maior independência possível, o que segundo ela não teria agradado a elite local: “Estou certa de que muito pouca gente acreditava nas minhas boas intenções. O fato de ser americana imediatamente me atribuiu o papel de aventureira. Eu era um espécime, uma curiosidade para os 350.000 e tantos habitantes da cidade e arredores. (...) No Rio, as crianças me achavam tão estranha que iam atrás de mim nas ruas, gritando “Americana! Americana!”, e garotos, nos bondes, em algazarra, faziam palhaçadas e procuravam falar o inglês que aprendiam na escola. Na aristocrática Bahia, eram mais comedidos; mas, como disse, a polícia deu forma às indagações e incertezas latentes da população, rotulando como ‘espionagem’ minhas atividades. Levavam-me demais a sério para acreditar que eu fizesse tudo apenas pela ciência. Os eruditos e intelectuais tratavam-me com amabilidade generosa e grave, eu era para eles uma novidade quase tão grande quanto os negros para mim.”

A grande exceção era Édison Carneiro. O etnólogo, segundo a antropóloga, teria tido uma postura radicalmente diversa dos demais eruditos e intelectuais introduzindo a pesquisadora no trabalho de campo, inclusive aconselhando-a quanto a costumes locais: “Não fale quando estiver comendo com outras pessoas – comentou, calmo e incisivo. – Eles podem pensar que a comida não lhe está agradando... E por que não usa pó-de-arroz? Isso a protegeria contra queimadu-

ras do sol. Afinal, as mulheres daqui vivem neste clima há séculos e sabem o que fazem... E não vá sozinha ao cinema! Os homens podem se tornar insolentes e você talvez não possa defender-se. Se eu estiver por perto posso intervir. Não seja teimosa! Não estamos nos Estados Unidos da América!”

No decorrer do livro, as diferenças com a intelectualidade local e a identificação com Edison Carneiro são elementos importantes para que Ruth Landes vá aos poucos enunciando suas próprias posições. De um lado, ela se apresenta como estrangeira, de outro lado se agencia com Edison Carneiro encontrando nele posições semelhantes às suas: “Edison pertencia à vanguarda radical em luta pelos direitos da mulher; mas preferia não lutar no interior dos bastiões da tradição baiana, nem no curso de uma pesquisa social.”

Com relação ao último grupo relativo à construção da alteridade no texto, os negros, há uma nítida divisão para Ruth Landes entre os homens e as mulheres. De um lado, ela se identifica com os negros a partir do mesmo sentimento de alteridade — os negros também são estrangeiros numa terra onde prevalece a tradição hierárquica de uma aristocracia branca. Um dos pontos importantes da percepção de Ruth Landes ancora-se na radical diferença da sociedade brasileira, em especial a baiana, com relação à sociedade americana, a primeira de tendência hierárquica, holista, a segunda, individualista. A consciência de si advém da percepção destas diferenças, é só a partir desta percepção que aquela consciência pode se construir: “criada na rebelde Nova Iorque, treinada na provocativa dialética da minha ciência que declara serem todas as raças igualmente humanas, e nesse sentido iguais (...)” ou “Como Alice no País das Maravilhas, eu chegara àquela terra exuberante, de colorido dramático, sem consciência da minha própria personalidade, da diferença constante entre ela e as outras. A mulher norte-americana moderna é um fenômeno estranho e incômodo num ambiente daqueles”. Neste contexto, Edison Carneiro era uma espécie de passaporte para a livre circulação de Ruth Landes: “(...) naquela terra, onde a tradição trancava as mulheres solteiras em casa ou as lançava à sarjeta, eu teria sido incapaz de me locomover, a menos que escoltada por um homem de boa reputação. E ali estava ele. Além do mais, para os negros era a melhor garantia possível de que eu não era uma espiã da classe alta, nem uma simples enxerida; e, até certo ponto, ele anulava o mal-estar que sentiam na presença de estrangeiros.”

Em algumas passagens, Ruth Landes revela uma percepção fina da lógica de funcionamento da sociedade brasileira, principalmente do lugar atribuído a uma certa camada culta que ela chama de aristocracia. Esta percepção é bastante singular se levarmos em conta que Ruth Landes está analisando a sociedade do final dos anos trinta. Em trecho a que se refere a Edison Carneiro ela diz: “Uma coisa a que nunca me acostumei foi ao sentimento de classe na sociedade brasileira. Suponho que jamais o levei a sério. Ele tem apenas uma ligação indireta com a raça ou a riqueza e está associado mais intimamente a idéias que são algumas

vezes tão distintivas quanto *noblesse oblige* e outras vezes simplesmente pretensiosas. Em Édison encontrei um dos melhores exemplos da chamada 'classe alta'. Era um liberal, e até mesmo o consideravam radical em certos círculos; mas absolutamente não era um homem do povo. A sua natureza de classe pertencia a um sistema de pensamento diferente da sua ideologia política e social. Isto se revelava na sua vestimenta e na sua fala, no seu próprio interesse pelos negros, e provinha da sociedade em que fora educado. Não estava absolutamente cômico disso e talvez achasse graça nesta minha opinião."

O ingresso no território dos negros se dá por meio de uma visita formal a um "mago" e "vidente", Martiniano do Bonfim, considerado uma "verdadeira instituição na Bahia". "Os cientistas procuravam-no às vezes para obter informações e o seu nome se notabilizou entre eles graças ao maior cientista social do Brasil, o dr. Nina Rodrigues." Ruth Landes percebe em Martiniano uma certa idealização das características fenotípicas da raça negra e das tradições oriundas da África. Martiniano era um nostálgico de um mundo negro idealizado: "Era um negro puro-sangue e se orgulhava ferozmente disso; condenava a mistura com o sangue branco e a camuflagem dos traços negros, como espichar cabelos. Denunciava a indiferença pelas línguas ancestrais das tribos iorubá, ewê e afins; censurava com paixão a ignorância dos padrões morais e das tradições africanas." Ruth Landes não se sente atraída por Martiniano chamando-o de "velho e sagaz feiticeiro africano"; "homem orgulhoso e mesmo arrogante"; "que velhaco! Senhor, que velhaco! Havia algo de astuto e de premeditado em seu todo".

Assim, como Ruth Landes vai enunciando suas impressões sobre as pessoas que conheceu durante sua pesquisa de campo, ela mesma deixa entrever como as representações sobre si mesma foram sendo criadas independentemente de sua vontade. Como estrangeira, ela é reiteradamente percebida como desviante. Logo ao chegar à Bahia, o fato de habitar sozinha um quarto de hotel — lugar pouco recomendado para moças de família — e de passear nos arredores usando sapatos parecidos com os das prostitutas locais leva a que ela seja confundida com prostitutas da região. Num episódio inusitado elas mesmas terminam expulsando Ruth Landes de sua área de atuação. Por fim, termina acusada de comunista, acusação que parece atender às necessidades explicativas requeridas pelas autoridades.

O ponto alto do relato de Ruth Landes é a descrição de seu encontro com a Mãe Menininha do Gantois. Especialmente interessada na questão da mulher, Ruth Landes encontra em Mãe Menininha uma mulher independente, admirada, dona de si: "Dizia-se que se orgulhava dos pés e mãos delicados, sem nenhum calor, pois jamais tivera de fazer trabalho pesado. Tinha cerca de metro e meio de altura, era gorda e de tez escura, de cabelos encarapinhados, e lhe faltava um dente bem no centro da boca. O vestido não era bonito, nem aseado. Notei que havia dignidade nela, momentaneamente acanhada, mas acostumada a mandar."

Após tecer várias críticas sobre a posição de submissão da mulher na sociedade brasileira, e especialmente na baiana, onde ela não via nenhuma possibilidade além de uma vida apagada junto ao marido e à família ou saídas “desviantes” como a prostituição, Ruth Landes percebe em Mãe Menininha uma outra alternativa. Ao relatar a conversa com a ialorixá ela enfatiza o sucesso do trabalho religioso: “Toda a Bahia nos conhece, todo o Brasil. O nosso templo é um dos mais velhos do país. Durante as cerimônias o terreiro fica tão cheio que parece que toda a cidade está presente. Eles gostam de assistir ao candomblé, porque sabem que somos honestos, que tudo sob a minha direção vem diretamente dos velhos africanos, como me ensinou Mãe Pulquéria.”

Ruth Landes descreve a linhagem de ascendência de Mãe Menininha com grande encantamento: “Examinei novamente o retrato (de Mãe Pulquéria), reparando no torso de fazenda africana listada, o vestido de dona de casa da baiana, as pulseiras de ouro, grossas como algema da era elizabetana, em cada braço, os colares de contas rituais, os pesados brincos de ouro aparecendo por baixo do torso. Via-se que era uma mulher abastada, que jamais fizera trabalho subalterno ou escravo.”

O candomblé e especialmente o lugar das mães de santo na sociedade baiana impressionam Ruth Landes. É a partir destas mulheres que de algum modo ela passa a refletir sobre a própria condição feminina. A antropóloga faz uma leitura sensível do poder dessas mulheres no contexto em que viviam: “Durante a minha permanência na Bahia pasmava-me a liberdade que as mães tomavam com o tempo. Menininha não voltou à sala aquele dia e como soube, subsequentemente, sempre se atrasava, sempre demorava. Era um privilégio da sua posição, aceito numa terra de aristocracia e de escravidão. Que era o tempo? O tempo era o que se faz com ele – e ela estava sempre ocupada. Exigia pontualidade dos seus subordinados, mas para ela, pessoalmente, bastava aproximar-se do horário.”

A impressão positiva de Ruth Landes com relação ao candomblé é alimentada em seus diálogos com Edison Carneiro que considera o candomblé “uma força criadora. Dá as pessoas coragem e confiança e faz com que se concentrem na solução dos problemas desta vida, e não na paz do outro mundo. Não sei onde estariam os negros sem o candomblé!”

A experiência da antropóloga a faz dialogar com suas próprias tradições e seu mundo em permanente transformação. É evidente como a experiência de campo parece transformar os pontos de vista de Ruth Landes: “A filosofia, o misticismo e a emocionalidade do candomblé sempre me intrigaram. Aprendi a conhecê-lo do modo rotineiro, como alguém que aprende uma nova língua na escola, e me tornei um dos seus adeptos; as minhas reações, porém, eram tão distantes como as de uma máquina de calcular; para com os números.” Ainda em diálogo com Edison Carneiro, Ruth Landes reflete criticamente sobre sua própria cultura: “(...) a nossa geração americana foi nutrida com uma dieta de razão e de ceticismo. As gene-

realizações científicas não nos dão muita sensibilidade para a natureza da fé ou do destino..." Relatando uma discussão acalorada com Édison Carneiro, Ruth Landes explora o tema da diferença de modo de pensar entre americanos e brasileiros. Segundo a antropóloga, Édison Carneiro exaltava-se afirmando que os norte-americanos importavam-se apenas com o vil-metal, desprezando a cultura: Norte-americanos! Exclamou, com impaciência (...) – Que se importam eles com a cultura! Que se pode esperar de um povo que se dedica ao vil metal! Loucos por dinheiro! Para eles, até tempo é dinheiro!" Ruth Landes explanava: "Os norte-americanos pensam em termos de raça. Um preto é inferior a um branco por causa da sua raça. (...) Não se imagina que um negro tenha cultura alguma, a não ser a que lhe vem do branco; e mesmo esta supõe-se que ele oculte."

IV

Depois de percorrer vários terreiros recolhendo material para estudos sobre o candomblé na Bahia, Ruth Landes deixou a Bahia pouco antes do Carnaval. Mesmo com recomendação do governo federal não foi possível reverter a situação, pois as autoridades baianas que a expulsaram não estavam em completo acordo com a administração central. Ruth Landes permaneceu algum tempo no Rio de Janeiro, onde em companhia de Édison Carneiro visitou alguns terreiros de macumbas. Por fim, partiu para os Estados Unidos. Ao final de seu livro, faz um elogio às mulheres baianas que conheceu no candomblé prometendo a uma amiga brasileira que ao chegar aos Estados Unidos falaria das mulheres: "Penso que elas ajudam a engrandecer o Brasil. Acreditarão os americanos que haja um país em que as mulheres gostam dos homens, se sentem seguras e à vontade com eles e não os temem?"

Ruth Landes cumpriu a promessa. Ao chegar aos Estados Unidos escreveu alguns artigos sobre o lugar de destaque das mulheres no candomblé, entre eles, "Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina"; "O Culto Fetichista no Brasil" e "Escravidão Negra e *Status Feminino*", todos traduzidos para o português na edição brasileira de 1967 de *A Cidade das Mulheres*, pela Civilização Brasileira.

Num outro relato especificamente sobre o trabalho de campo, intitulado "A Woman Anthropologist in Brazil",⁹ Ruth Landes discorre sobre suas expectativas com relação à pesquisa antropológica de campo. A antropóloga chega a confessar que a pesquisa antropológica de campo para ela não era apenas uma questão de metodologia de pesquisa, mas sim de filosofia de vida. Era a partir da experiência de campo que se tornava possível sua própria construção de subjetividade. Para ela o que havia de mais consistente no trabalho do antropólogo era justamente o trabalho de campo. E isto se dava justamente devido ao fato de que a cultura expressa pelo trabalho de campo é sempre o produto da experiência do pesquisa-

dor filtrada através de observações treinadas. Ruth Landes assinala que professores consagrados como Franz Boas nunca ensinaram técnicas de trabalho de campo específicas. Na verdade, ensinavam teorias e descobertas de pesquisas. A orientação mais importante que recebeu de seus mestres foi no sentido de conjecturar, experimentar, usar todas as ferramentas de que dispunha em cada ocasião e, principalmente, se aventurar, arriscar. O desejo de aventura a impressionava poderosamente. Ruth Landes diz sempre ter procurado viver seguindo a máxima do grande explorador do Ártico, Vilhjalmur Stefansson, de viver além da sua própria terra (*live off the land*). Este sentido de ir além, romper com as fronteiras do familiar em direção a uma terra distante e exótica a atraía particularmente. Mas é preciso dizer que sua busca não se constituía apenas na busca do conhecimento sobre o outro, mas da constituição de si mesma através do diálogo com o outro. Ruth Landes explora este tema assinalando o quanto era difícil, enquanto mulher americana, a possibilidade de viver outros mundos. Minha suposição é de que para ela a pesquisa antropológica de campo colocava-se como via para a produção de uma subjetividade que não podia ancorar-se na ilusão biográfica do eu, necessitava viver outras vidas. A pesquisa antropológica de campo colocaria essa possibilidade – circular entre outros mundos, diferentes, exóticos, com o objetivo de sair do seu próprio, romper com a monotonia de destinos prováveis e já traçados. A pesquisa antropológica de campo tornou-se lugar de experimentação de subjetividades possíveis.

Ruth Landes problematizou as dificuldades que sentia enquanto mulher na viagem para um país distante, do qual pouco se conhecia na época. Recém-casada ela passa por sérios problemas com o marido após a decisão de partir para a aventura antropológica. Apesar de ter já seu PHD, o que para a comunidade acadêmica a igualava a qualquer outro pesquisador na mesma condição, fosse ele homem ou mulher, partir em direção a uma outra sociedade por um longo período criava embaraços para sua vida de casada. A pesquisa antropológica de campo entrava em franca contradição com uma vida doméstica no modelo americano. “Meu PHD me possibilitou ser vista além do meu sexo. A única contra-indicação para a pesquisa antropológica de campo no Brasil era meu marido que se indignou comigo por eu preferir uma vida acadêmica do que uma vida doméstica, por preferir a exposição solitária ao mundo e aos seus conflitos do que a minha vida privada de mulher casada submetida à dinâmica familiar.”¹⁰

No entender de Ruth Landes, a pesquisa antropológica de campo não se opõe ao mundo familiar, mas possibilita o estranhamento necessário para iluminar certas questões no estudo das culturas. O pesquisador precisa do mundo exterior, do diferente, do novo, do inusitado para ter a consciência afiada sobre diferentes culturas e também sobre si mesmo. O trabalho de campo no seu entender leva essa busca a um ponto emocionalmente tão intenso que o pesquisador chega a falar de outras culturas como “suas culturas”.

Os chamados tempos modernos possibilitaram aos seres humanos transitar de um continente a outro em poucos segundos. A Antropologia Cultural ou Social vem desenvolvendo neste século inúmeros estudos com o objetivo de conhecer as diferentes culturas espalhadas pelo planeta. Talvez sem se dar conta, o desenvolvimento desta disciplina tenha desencadeado também nos antropólogos um estranho senso de que há um certo estilo de construção da subjetividade que passa necessariamente pela relação com a alteridade. De algum modo, o antropólogo é aquele que vive permanentemente com o pé dentro e fora de sua própria cultura, com um forte e permanente sentimento de desintegração do self, na certeza da contingência, da instabilidade, da relatividade de tudo o que o cerca. Ruth Landes teve aguda consciência deste processo, integrando a Antropologia e especialmente a pesquisa de campo como uma alternativa de vida, levando às últimas conseqüências o sentido de provisoriidade das concepções e verdades humanas. Sua experiência no Brasil, ao estudar o polêmico tema das raças, a levou a pensar desta forma. Logo de início viu ruírem por terra muitas de suas suposições e acostumou-se a viver, para usar suas próprias palavras, sem ponto de referência, teoria ou crença a sustentar ou demolir. Por outro lado, ao entrar em contato com as ialorixás baianas, Ruth Landes percebeu o quão transitório era o modelo de subjetividade apregoado em sua própria sociedade, o quão frágeis eram as crenças num progresso e numa modernização redentora para toda a humanidade: “- Acho que a educação e o progresso na verdade empobrecerão a existência deles” - refletiu a antropóloga em seu livro referindo-se aos adeptos do candomblé na Bahia.

BIBLIOGRAFIA:

- CARNEIRO, Édison. 1950. *Antologia do Negro no Brasil*. RJ, ed. Globo.
- _____. 1964. “Uma “falseta” de Artur Ramos”, In: *Ladinos e Crioulos*, ed. Civ. Bras., RJ.
- CLIFFORD, James. 1998. *A Experiência Etnográfica*. RJ. Ed. UFRJ.
- COLE, Sally. 1994. “Introduction”, in: Landes, Ruth. *The City of the Women*. University of New Mexico Press.
- CUCHE, Denys. *La notion de culture dans les sciences sociales*. 1996. Paris. La Découverte.
- LANDES, Ruth. 1967. *A Cidade das Mulheres*. RJ. Ed. Civilização Brasileira.
- _____. 1986 (1970). “A Woman Anthropologist in Brazil”, in: Golde, Peggy (ed.) *Women in the field. Anthropological Experiences*. Berkeley and Los Angeles. University of California Press

PEIRANO, Marisa. 1999. "Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada), in: *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. SP. Ed. Sumaré.

NOTAS

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado no XXIV Encontro Anual da ANPOCS em outubro de 2000 em Petrópolis no Rio de Janeiro no Grupo de Trabalho "Biografias e Memória Social". Agradeço especialmente os comentários e sugestões de Dulce Pandolfi e Regina Novaes, coordenadoras do GT, e de Ângela Castro Gomes e Elina Pessanha que debateram meu trabalho.

² Franz Boas (1858-1942), antropólogo de origem judaico-alemã, fixou residência nos Estados Unidos no final do século XIX, após estudos sobre os Kwakiutl e os Chinook, passando a ensinar no Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia em Nova Iorque. É considerado um dos pais fundadores da Antropologia Cultural por ter introduzido na disciplina os estudos sobre culturas no lugar de raças. Ruth Benedict foi uma de suas principais discípulas e professora de Ruth Landes (1908-1991).

³ Cole, 1994:VIII.

⁴ Vianna, Hermano. 1988. "Robert Musil: as qualidades do homem moderno", in: Comunicação n. 12. PPGAS – UFRJ, pág. 57

⁵ Landes, Ruth. 1967. *A Cidade das Mulheres*, RJ, Ed. Civilização Brasileira, pág. 2, 3

⁶ Landes, op cit, pág. 4

⁷ Carneiro, Édison. 1950. *Antologia do Negro no Brasil*. RJ, ed. Globo.

⁸ Carneiro, Édison. 1964. "Uma "falseta" de Artur Ramos", In: *Ladinos e Crioulos*, ed. Civ. Bras., RJ.

⁹ Landes, Ruth. "A Woman Anthropologist in Brazil", in: Golde, Peggy (ed.) 1970, 1986. *Women in the field. Anthropological Experiences*, California, University of California Press.

¹⁰ "My PHD had unsexed me. The only contrary indication was my young husband's ultimatum about marriage, because he raged at me for preferring scholarship to domesticity, for preferring its lonely exposed world and hazards to my private wifely place in our family undertaking", in: Landes, 1986, op. Cit. Pág. 122.